

O ADEUS NA INFÂNCIA: REPERCUSSÕES COGNITIVAS E SOCIOEMOCIONAIS DO LUTO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

The farewell in childhood: Cognitive and socio-emotional repercussions of grief in child development

Lucas Farias dos Santos – UESPI/Brasil
Aleandra Maria Lima de Carvalho – UESPI/Brasil
Flávia Rejane Soares Lopes – UESPI/ Brasil
Laura Trindade Ferreira – UESPI/Brasil
Thayná Pires de Oliveira – UESPI/Brasil
Lêda Maria de Carvalho Ribeiro Holanda – UESPI/Brasil

RESUMO: O luto infantil constitui uma experiência complexa que repercute no desenvolvimento cognitivo e psicossocial da criança. Este estudo teve como objetivo descrever as repercussões do luto no processo de desenvolvimento da criança e, para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases Google Acadêmico e BVS, considerando artigos publicados entre 2020 e 2024, em língua portuguesa. A amostra final foi composta por 15 artigos. Os resultados apontam que a forma como a criança vivencia o luto está relacionada ao seu estágio de desenvolvimento, à clareza das informações recebidas e ao apoio familiar. Estratégias como uso do lúdico, histórias infantis, técnicas projetivas e participação em rituais mostraram-se eficazes na elaboração do luto. Ao mesmo tempo, abordagens como Psicanálise, Terapia Cognitivo-Comportamental, Terapia de Aceitação e Compromisso e Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano ofereceram contribuições relevantes. Também se constatou escassez de estudos empíricos com crianças enlutadas, revelando entraves éticos e metodológicos. Conclui-se que a comunicação sensível e o suporte emocional são fundamentais para um enfrentamento saudável da perda na infância.

Palavras-chave: Criança. Desenvolvimento. Luto. Psicologia.

ABSTRACT: Childhood grief is a complex experience that has repercussions on the child's cognitive and psychosocial development. This study aimed to describe the repercussions of grief on child development. To this end, an integrative review of the literature was conducted in Google Scholar and BVS, considering articles published between 2020 and 2024 in Portuguese. The final sample consisted of 15 articles. The results show that the way children experience grief is related to their stage of development, the clarity of the information they receive, and family support. Strategies such as the use of play, children's stories, projective techniques, and participation in rituals proved to be effective in dealing with grief. At the same time, approaches such as Psychoanalysis, Cognitive-Behavioral Therapy, Acceptance and Commitment Therapy, and Bioecological Theory of Human Development have made relevant contributions. There was also a scarcity of empirical studies with bereaved children, revealing ethical and methodological obstacles. The conclusion is that sensitive communication and emotional support are fundamental for healthy coping with loss in childhood.

Keywords: Child. Development. Grief. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A compreensão da morte e a vivência do luto passam por significativas modificações de acordo com o contexto histórico e, principalmente, pela pluralidade das práticas culturais ao redor do mundo. No mundo ocidental nota-se algumas semelhanças entre a celebração do luto no Xingu e no México, onde possuem rituais, Kuarup e Dia dos Mortos, de lembrar para superar, havendo, por exemplo, no contexto mexicano, um compromisso anual da família para honrar a memória do ente querido. Em algumas culturas e filosofias orientais, como a chinesa, os rituais sobre a morte e o luto são estruturados na perspectiva espiritual-religiosa do Taoísmo, o qual versa que o luto deve ser um momento de equilíbrio com o mundo e de acolhimento com os sentimentos negativos. As duas práticas culturais possuem aspectos que permitem que pessoas enlutadas assumam sentimentos dolorosos como tristeza e raiva, assim como, trazem uma perspectiva mais ampla da vivência do luto (Noguera, 2022).

O luto pode se configurar como normal ou patológico, dependendo da forma como é vivenciado. De acordo com Worden (2013, p. 13) “a pessoa precisa redefinir o *self* e reaprender formas de envolver-se com um mundo sem a pessoa falecida”. Essa perspectiva está relacionada com a construção e reconstrução de um significado na perda, que pode promover um maior ajustamento do indivíduo à situação vivida, e esse processo pode ser observado em crianças enlutadas em que à medida que atravessam estágios do desenvolvimento vão reconstruindo sentidos e significados (Worden, 2013).

A infância é um momento de aprendizagem sobre o mundo e sobre si mesmo com base nas experiências e vivências que fazem parte da criança, mas que também envolve a participação dos cuidadores. Nessa perspectiva, alguns assuntos delicados, como a morte de um familiar, que seja próximo a ela, precisa ser manejada pelos adultos de forma cuidadosa e honesta. Contudo, muitas vezes as crianças são consideradas incapazes de compreender esse momento e, então, são ignoradas diante desse fenômeno (Santos; Muner, 2020). Diante disso, o luto infantil possui peculiaridades em relação aos possíveis impactos cognitivos e psicossociais que são oriundos da elaboração ou não deste.

A partir do exposto, essa pesquisa tona-se relevante ao propiciar reflexões acerca do processo de luto em crianças, permitindo compreender os aspectos próprios de elaboração e enfrentamento ao luto por parte dos infantes bem como da importância dos cuidadores no que

tange ao suporte adequado a esse público. Nesse sentido, o artigo aponta para discussões relevantes capazes de orientar profissionais nas suas práticas em quaisquer ambientes como clínica, hospital, escola, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) entre outros, auxiliando na prática psicológica com a criança enlutada.

Levando em consideração os impactos cognitivos e psicossociais envolvidos no processo de luto inerentes aos estágios do desenvolvimento infantil e a contribuição da Psicologia diante da elaboração de perdas, a presente pesquisa tem como objetivo descrever as repercussões do luto no processo de desenvolvimento da criança.

2. MATERIAL E MÉTODO

A presente investigação utilizou uma revisão integrativa da literatura, que “consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos” (Unesp, 2015, p. 6).

As bases de dados utilizadas foram as plataformas Google Acadêmico e BVS e a seleção da amostra baseou-se em critérios de inclusão e exclusão pré-definidos. Critérios de inclusão: artigos na íntegra, desenvolvidos na área da Psicologia e demais áreas afins, em idioma português (Brasil) e publicados nos últimos 05 (cinco) anos, isto é, entre 2020 e 2024, que estavam relacionados aos objetivos propostos. E como critérios de exclusão: artigos não escritos em português (Brasil), resumos, artigos publicados fora do recorte temporal estabelecido e que não abordassem a temática a ser pesquisada. Os descritores utilizados foram: “luto infantil” OR “criança enlutada”.

Após a seleção da amostra, a análise dos dados foi realizada por meio de uma leitura crítica, a partir da qual foram identificadas informações acerca do luto infantil relacionadas a contextualização do processo de morte, como: quem morreu, o vínculo afetivo estabelecido com a criança, a causa da morte, como ocorreu a comunicação da morte e a idade da criança enlutada. Por fim, houve a elaboração de uma síntese dos achados, enfatizando as principais tendências, lacunas e recomendações para futuras pesquisas.

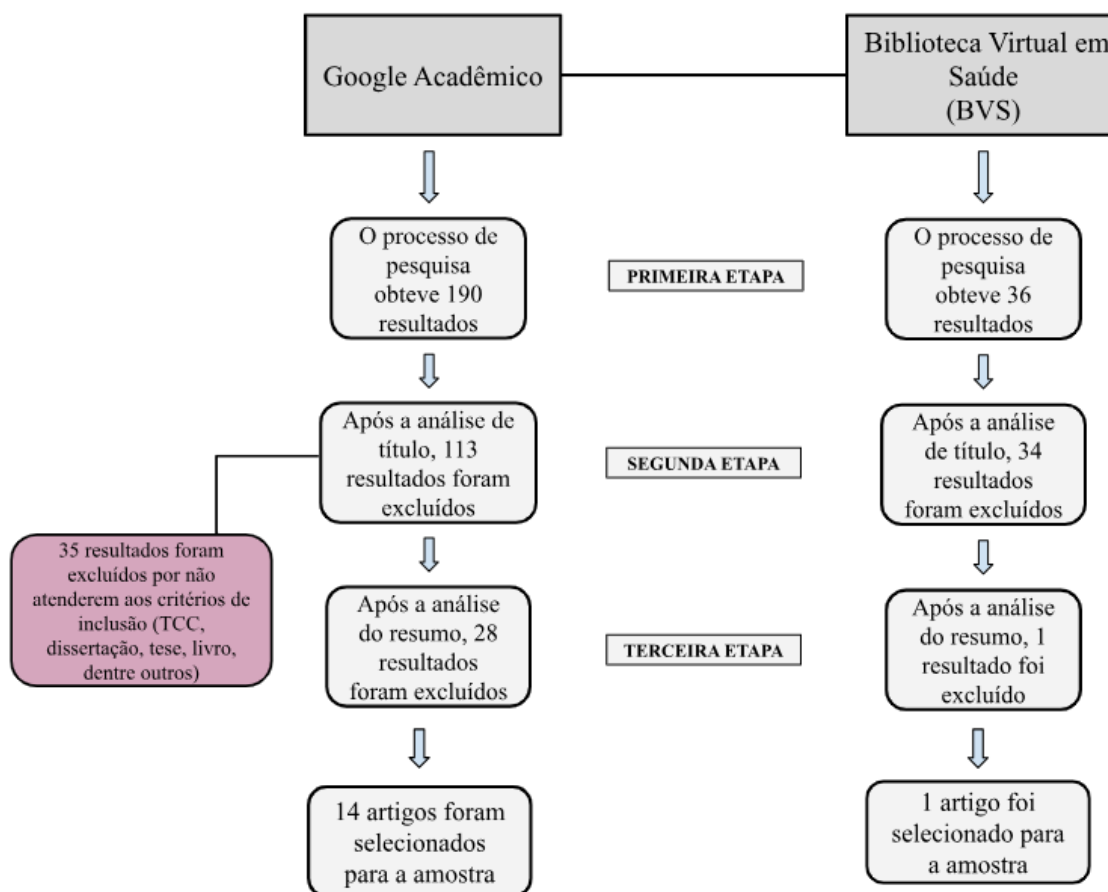
Na base de dados do Google Acadêmico, o processo de coleta gerou inicialmente um total de 190 artigos. Dentre esses resultados, na segunda etapa, foram excluídos 113 artigos

após a análise do título e 35 por não atenderem aos critérios de inclusão. Em sequência, na terceira etapa, 28 resultados foram descartados após a análise do resumo. Assim, 14 artigos dessa base de dados foram selecionados para a amostra.

Por sua vez, na base de dados BVS, na primeira etapa do processo de coleta, obteve-se um total de 36 artigos. Em seguida, após a análise de título, 34 desses foram descartados. E na terceira etapa, 01 artigo foi excluído pela análise do resumo. Assim, ao final do processo, 01 artigo dessa base de dados foi selecionado para a amostra.

O processo descrito acima se exprime na figura abaixo em formato de fluxograma, representando o percurso metodológico:

Figura 1 - Fluxograma do percurso metodológico.



Fonte: elaborada pelos autores (2025).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se um destaque para a Teoria do Apego, elucidada por John Bowlby, e para os cinco estágios do luto, propostos por Elisabeth Kubler-Ross. Concomitantemente, ambos os autores exploram a importância da elaboração saudável da perda e os desafios específicos do luto infantil, levando em consideração as peculiaridades do desenvolvimento infantil e das questões culturais que envolvem o processo de morte e de luto.

Inicialmente, segundo Pereira, *et al.* (2021), Bowlby (2004) propõe a existência de quatro fases para a superação do luto, sendo a primeira fase a do choque, na qual o indivíduo é incapaz de aceitar a concretude da perda, a segunda fase é denominada fase do protesto, uma vez que o sujeito requer e urge a presença da pessoa que foi perdida, a terceira fase é quando o sujeito se depara com a realidade da sua perda e, por fim, a quarta fase que pode ser classificada como a aceitação da morte e do próprio luto, onde a pessoa retorna gradualmente a sua própria vida.

O autor afirma que o luto permeia entre duas etapas de vinculação, ou seja, entre a etapa que é caracterizada por uma urgência em se aproximar da pessoa perdida e a etapa de investimento em outras relações, implicando em uma necessidade de afastamento do falecido (Ramos, 2016 *apud* Pereira *et al.*, 2021). Em razão disso, citado por Rodrigues e Ferraz (2022), Bowlby (2004) considera que uma importante função da elaboração do luto é dar possibilidade de novas vinculações, vivências e restauração para o indivíduo enlutado.

De acordo com Santos e Muner (2020), os cinco estágios do luto, propostos por Kubler-Ross (2011), são: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Na fase de negação, o indivíduo tem dificuldade em acreditar na perda e se distancia da realidade do acontecimento. Já na fase da raiva, o sentimento de incredulidade da perda é substituído por sentimento de indignação. Na terceira fase, a barganha, o indivíduo recorre a promessas de vida, em uma tentativa de evitar a perda. O estágio da depressão pode ser vivenciado de forma reativa, sobre perdas que já aconteceram, ou preparatória, com o objetivo de se preparar para uma situação breve. Por último, a aceitação é o momento em que todos os outros estágios são superados, mas não necessariamente um período feliz (Kubler-Ross, 1996, *apud* Silva; Ribeiro, 2020)

Em relação ao luto infantil, referenciado por Silva e Ribeiro (2020), Bowlby (2004), argumenta sobre determinadas controvérsias nos estudos sobre o tema, uma vez que, algumas teorias propõem que o ego infantil seja frágil demais para permitir a elaboração da morte,

implicando em patologias futuras. Já outros estudos demonstram que, diante do apoio e uma comunicação sincera, a criança é capaz de processar a experiência do luto de forma saudável e experienciar a perda semelhante ao adulto. Como mencionado por Santos e Soares (2022), Lima e Kovács (2011) argumentam que a comunicação feita de forma fantasiosa e irreal acarreta um profundo sofrimento para a criança, uma vez que obriga ela a procurar explicações sobre a morte por meio da sua imaginação. Santana (2022, p. 4) afirma que:

Ao não comunicar a criança a morte de maneira adequada, o adulto não a está protegendo, é sim um movimento de subestimação da criança, pois a impede de aprender sobre a realidade da vida, que a morte e as perdas fazem parte da existência humana (Santana, 2022, p. 4).

O luto pode ser entendido como um processo subjetivo, doloroso e de transformação que é capaz de influenciar significativamente o cotidiano do indivíduo em diferentes âmbitos e, em consequência disso, é necessário um suporte adequado. Nesse sentido, o luto infantil, segundo as teorias e discussões presentes na amostra, perpassa por alguns consensos entre estudiosos, entre eles é possível observar que o processo de elaboração do luto depende da forma como a sociedade lida com a morte e com o processo do luto (Wendt; Trois, 2022). Junto a isso, no luto infantil, a presença de estratégias de esquiva e a falta de atenção dada à criança no período pós morte pode intensificar o sofrimento e ocasionar um quadro de transtorno psiquiátrico (Pereira *et al.*, 2021).

Ademais, acredita-se que a compreensão da morte na infância é também influenciada pelas fases de desenvolvimento infantil. Na primeira infância a morte é entendida como ausência, na segunda infância esse fenômeno é entendido como reversível e na terceira infância a criança com mais maturidade cognitiva entende a morte como irreversível e universal (Paiva, 2011; Papalia; Feldman, 2013 *apud* Pereira *et al.* 2021). Assim, para sanar possíveis dúvidas e confusões a respeito do processo de morte intrínseco ao sujeito, são recomendadas algumas iniciativas por parte dos adultos como conversar abertamente, respeitando o nível de compreensão da criança no momento (Santos; Muner, 2020). Nessa perspectiva, segundo Wendt e Trois (2022, p. 46), “é importante permitir que a criança estabeleça o tom e o ritmo da conversa”. Assim, é possível adaptar-se à situação e buscar formas de comunicação compatíveis com a fase do desenvolvimento que a criança se encontra.

Um aspecto relevante a ser destacado é como o processo de luto passou por mudanças significativas durante a pandemia de Covid-19, impactando, em especial, às crianças. Aludido

por Raposo *et al.* (2023), Romero *et al.* (2020) afirma que com a ausência do ambiente escolar, ou seja, a falta de uma rotina e de um ambiente seguro para a manifestação das emoções, crianças mais novas que vivenciaram o luto durante a pandemia tiveram maior risco de desenvolver problemas de comportamento, como a hiperatividade. Somado a isso, a diminuição da interação social impactou diretamente no processo de luto das crianças, uma vez que isso acarreta o desenvolvimento de problemas mentais, como a ansiedade e a depressão. (Mata *et al.*, 2021, Silva *et al.*, 2021, citado por Raposo *et al.*, 2023).

Outro fato é que, durante a pandemia, a proibição dos rituais simbólicos realizados culturalmente como demonstração de respeito e como uma forma de despedida do ente querido que faleceu também influenciou o processo de perda. As crianças que não puderam participar de cerimônias de despedida geralmente não conseguem uma elaboração saudável do luto, o que pode implicar no desenvolvimento de problemas psíquicos e sentimentos negativos, principalmente em crianças que perderam seus pais durante a pandemia (Raposo *et al.*, 2023).

Em casos específicos de morte por homicídio, o luto infantil pode apresentar repercussões significativas, como sentimento de culpa, tristeza, inconformismo e distanciamento afetivo e social, frequentemente associados à ansiedade e depressão (Sousa; Barbosa, 2024). Ao mesmo tempo, podem surgir comportamentos impulsivos, instabilidade de humor, medo de barulhos altos, agressividade e queda no desempenho escolar (Schetky, 1978 *apud* Filho; Souza; Oliveira, 2023). Além disso, quando a morte violenta de um parente próximo é testemunhada pela criança, há risco de lembranças persistentes e evolução para transtorno de estresse pós-traumático, somados a mudanças na rotina e à desconstrução da percepção de segurança, o que reforça a importância do diálogo para minimizar os impactos do luto infantil (Menezes; Borsa, 2022).

3.1. Abordagens psicológicas e entraves éticos e científicos

No que tange às abordagens psicológicas que destinam seus esforços ao estudo da vivência do luto infantil, destacam-se a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, desenvolvida por Urie Bronfenbrenner, a Terapia Cognitivo-Comportamental, preconizada por Beck, a Terapia de Aceitação e Compromisso, criada pelo psicólogo Steven Hayes, e, por fim, a Psicanálise idealizada por Freud.

De acordo com Assis, Moreira e Fornasier (2021), a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH), que exerce influência significativa nos estudos acerca do desenvolvimento infantil, foi responsável por criticar o “modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, em que a maior quantidade de pesquisas concluídas sobre desenvolvimento ocorria fora do contexto”. Nesse sentido, a teoria contribui para a temática em questão ao afirmar que a interação entre a criança enlutada, a pessoa falecida e os familiares pode ser entendida como um processo proximal (Menezes; Borsa, 2022). Assim, a utilização da TBDH como ferramenta de análise dos dados resultantes da avaliação psicológica de crianças enlutadas “possibilitou olhar o indivíduo de forma contextualizada, considerando suas características individuais e contextuais, além das especificidades da etapa do desenvolvimento, nesse caso, a infância” (Menezes; Borsa, 2022, p. 19).

Outrossim, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), ao ser uma abordagem psicológica ativa, cooperativa e diretiva, possibilita ao paciente a autoavaliação de seus pensamentos de forma mais realista e adaptativa, sendo assim, efetiva em vivências de luto, nas quais a interpretação dos acontecimentos pode ser irrealista e disfuncional, a exemplo das distorções cognitivas, ocasionando o adoecimento (Santos; Soares, 2021). Diante das alterações cognitivas e emocionais acarretadas pelo luto, o psicólogo que utiliza de tal abordagem é capaz de facilitar a ressignificação desse processo, uma vez que, de acordo com Santos e Soares (2021, p. 12), a TCC:

[...] tende a apresentar importantes contribuições para a expressão e a elaboração do luto da criança, tendo em vista que suas estratégias permitem à criança, o reconhecimento e a expressão do sofrimento e das crenças desadaptativas que cercam a experiência do luto através do desenvolvimento das habilidades adaptativas (Santos e Soares, 2021, p. 12).

Ademais, a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT do inglês Acceptance and Commitment Therapy), ao propor o modelo de flexibilidade psicológica, a psicoeducação de emoções e do processo de morte, e o treino com pais e responsáveis de crianças enlutadas, promoveu possibilidades de adaptação e resolução do processo de luto (Rodrigues; Ferraz, 2022). A partir disso, considerando a existência de uma rede de apoio mais madura para auxiliar a criança na compreensão e manifestação dos seus sentimentos, o contato “com a vivência da perda, da morte e dos eventos decorrentes destes podem e devem ser encorajados pelas vias da ACT enquanto possibilidade de ressignificação dos vínculos continuados [...]”. Para isso, de

acordo com a ACT, os comportamentos manifestados em meio ao processo de luto devem ser interpretados considerando a história de vida do indivíduo, os marcos de sua maturação e os valores que podem orientar as próximas etapas da vida do sujeito (Rodrigues; Ferraz, 2022).

Por fim, conforme Silva e Ribeiro (2020), a psicanálise também exerce influência significativa no entendimento dos conflitos e angústias vivenciados pelas crianças, bem como na sua forma de expressão. Nessa lógica, os estudos realizados a partir da clínica psicanalítica com crianças “proporcionaram a visão de que as crianças, na impossibilidade de expressarem verbalmente o que sentem, da forma com que fazem os adultos, o fazem através de seus jogos, desenhos, dentre outras formas” (Silva; Ribeiro, 2020, p. 33). Assim, a utilização do lúdico, junto ao acolhimento do terapeuta, faz com que a criança enlutada se sinta segura dentro do setting terapêutico, de modo que, por meio da fantasia, consiga iniciar o processo de simbolização de seus conflitos internos.

A análise também nos elucida acerca da produção científica no que tange ao estudo do luto na infância. Podemos perceber por meio dos resultados obtidos que tal assunto ainda apresenta suas limitações quanto ao tipo de pesquisa, que se apresentam predominantemente enquanto pesquisas de revisão bibliográfica, consequentemente reduzindo o número de pesquisas que obrigatoriamente necessitam de um contato direto com o indivíduo e com a realidade estudada, por meio do uso de entrevistas, por exemplo. Tal realidade pode ser entendida como um reflexo da dificuldade de se trabalhar com o público infantil quando este se encontra sensibilizado por algum evento de considerável impacto no seu desenvolvimento, neste caso, quando a criança vivencia o luto pela perda de algum familiar.

Essas dificuldades vivenciadas pelos pesquisadores, muitas vezes podem ser evidenciadas por algumas questões éticas que permeiam o estudo do luto com crianças, dentre elas a autorização dos comitês de ética para que se realize tais pesquisas além da autorização dos cuidadores por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devido a um receio de que submeter as crianças a pesquisas sobre um tema tão complexo pode reavivar sentimentos e comportamentos dolorosos e nocivos a esse público, comprometendo seu desenvolvimento (Menezes; Borsa, 2022; Pereira *et al.* 2021). Nessa lógica, pode-se perceber que essa dificuldade aliada a falta de investimentos também dificultaria a possibilidade de pesquisas longitudinais, pois elas poderiam contribuir para um estudo mais aprofundado acerca desse fenômeno e suas peculiaridades.

3.2. Recursos terapêuticos para a elaboração do luto infantil

Os recursos terapêuticos utilizados com crianças enlutadas são decisivos na elaboração do luto e consistem nos mais diversos, todavia, há uma predominância de estratégias psicossociais como apontado por Pereira *et al.* (2021). Dentre elas, é possível destacar a construção de espaços para que a criança expresse seus sentimentos e tenha um diálogo aberto sobre a morte. Nesse sentido, Raposo *et al.* (2023), apoiados em Cruz *et al.* (2021), ressaltam a contribuição de recursos como desenhos, rodas de conversas, brinquedos e histórias infantis para facilitar trocas de informações e a externalização dos sentimentos da criança.

Tendo isso em vista, há um consenso entre os artigos elencados quanto a verbalização franca sobre a morte e o luto. Isso vai de encontro à perspectiva comum presente na sociedade, como pontuado por Wendt e Trois (2022), de que poupar a criança sobre o conhecimento da morte e de ter um diálogo aberto sobre ela, assim como a participação em rituais fúnebres seja saudável para a criança. Dessa maneira, de acordo com Aberastury (2012/1982), referido por Klinger, Miranda e Oliveira (2021), mentir, omitir e colorir a morte com fantasias prejudica a vivência do luto pela criança, já a possibilidade de falar sobre a morte oportuniza que a criança tenha uma melhor compreensão sobre sua perda e sobre seus sentimentos. Destarte, alguns autores expõem orientações gerais sobre essa comunicação.

Assim, segundo Pereira *et al.* (2021), sugere-se que devem ser realizados diálogos abertos e francos, com acolhimento das preocupações da criança e com o uso de explicações concretas e assertivas, assim como incluir a criança no processo de luto familiar, de modo a contribuir para a adaptabilidade das crianças enlutadas e para a naturalidade da relação delas com a morte. Complementarmente, Raposo *et al.* (2023) apresentam algumas recomendações de Michel *et al.* (2021), como a importância de que o diálogo respeite o ritmo da criança e que a pessoa a transmitir a notícia da morte esteja preparada para acolher física e psicologicamente a criança. Deve haver franqueza e delicadeza com as explicações e fazer o uso de uma linguagem simples e objetiva, compreensível para a idade da criança.

Em relação à exposição a rituais fúnebres, Wendt e Trois (2022) apontam que não há consenso entre os autores sobre a necessidade de participação da criança, mas que seu desejo ou recusa deve ser respeitado. Faro (2018), referido por Pereira *et al.* (2021), versa sobre a importância da vivência dos rituais de morte e acrescenta a estratégia de utilizar fotografias do ritual fúnebre em intervenções, a qual permite que, quando necessário, as crianças tenham uma

recordação concreta de como foi o processo de despedida do seu progenitor, tornando-se um símbolo de preservação desse momento. Similarmente, Menezes e Borsa (2022) salientam a recomendação de Schonfeld *et al.* (2016) sobre a utilização de uma “caixa de memória” composta por itens e fotografias do familiar falecido, a qual permite entrar em contato com memórias e facilitar a elaboração do luto.

Dado o exposto, é ressaltada a importância dos pais e cuidadores na elaboração do luto infantil, entretanto, é importante destacar que os familiares podem também estar fragilizados, com necessidade de auxílio. Dessa maneira, como exposto por Mello, Lima e Mota (2021), a psicoterapia torna-se importante como apoio inclusive aos familiares enlutados. Sob essa perspectiva, Pereira *et al.* (2021) referenciam Cipriano *et al.* (2021), recomendaram grupos de apoio, dos quais pais ou cuidadores sobreviventes possam participar a fim de fortalecer sua capacidade de enfrentamento ao luto. Dessa maneira, torna-se importante o cuidado com os familiares, que poderão prestar melhor auxílio à criança na elaboração do seu próprio luto.

Ressalta-se o lugar de destaque da escola na rede de apoio às crianças em processo de luto, uma vez que esse é um lugar que a criança passa expressiva parte do tempo e que pode ter grande impacto em sua vida. Conforme Wendt e Trois (2022), Kovács (2021) evidencia que as escolas podem incluir a temática da morte em diferentes disciplinas, fornecer espaço de acolhimento, discussão e reflexão. Para isso, as instituições devem considerar a importância da capacitação de educadores. Sob essa perspectiva, Pereira *et al.* (2021) sinalizam o protocolo desenvolvido por Tillman e Prazak (2018), o qual constitui um modelo de aconselhamento de grupo para ser utilizado no acolhimento de estudantes diante de uma perda.

Constata-se que a psicoterapia para crianças enlutadas assume uma recomendação importante entre os autores, a partir de diferentes recursos. Destaca-se o uso do lúdico no luto infantil, sendo o brincar, segundo Melanie Klein (1969), citado por Oliveira *et al.* (2020), uma forma de expressão da criança. Sob essa ótica, Affonso (2009), ainda referido pelos autores, afirma que a ludoterapia permite acessar fantasias inconscientes e elaborar angústias do luto, enquanto Silva e Ribeiro (2020) destacam que crianças enlutadas têm dificuldade de se expressarem verbalmente, recorrendo ao brincar, à fantasia e à interpretação.

Ainda a respeito da utilização do lúdico nesse processo, foi possível identificar o uso de métodos narrativos na vivência do luto infantil, além do uso de técnicas projetivas. Nesse sentido, Silva e Ribeiro (2020) apontam as histórias infantis e os contos de fada como

realizadores do papel do brincar para simbolizar a morte. Ademais, alguns autores ressaltam o uso de técnicas projetivas na expressão e elaboração do luto infantil, uma vez que, por meio delas, é possível acessar o mundo dos significados, sentidos e sentimentos do sujeito, funcionando de maneira similar às associações livres utilizadas por adultos, possibilitando que a criança alivie seu aparelho psíquico da ansiedade e angústia decorrentes de traumas ou perdas (Oliveira et al., 2020; Trinca, 2013; Affonso, 2012; Filho, Souza e Oliveira, 2023).

Observou-se que diferentes abordagens teóricas propõem técnicas específicas para o enfrentamento do luto infantil, devidamente adaptadas a esse contexto. Na Terapia Cognitivo-Comportamental, é possível destacar a resolução de problemas, o treino de habilidades sociais, a reestruturação cognitiva, a psicoeducação, a prevenção de recaída, o relaxamento, o role-play, a dessensibilização sistemática, entre outras (Basso; Wainer, 2011; Rodrigues *et al.*, 2018 *apud* Santos; Soares, 2022). Além disso, Rodrigues e Ferraz (2022) apontam o uso de recursos da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), como DNA-V, Hexaflex e Matriz ACT, aliados à psicoeducação com responsáveis, exercícios de regulação emocional e recursos lúdicos, a fim de contribuir para a compreensão e manejo das emoções das crianças enlutadas (Caminha; Caminha; Benedetti, 2017 *apud* Rodrigues; Ferraz, 2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, é evidente que a vivência do luto infantil é um processo complexo e tem repercussões significativas no desenvolvimento da criança. Foi possível identificar teorias que embasam de forma relevante a compreensão sobre como as crianças lidam com a morte e a perda, como a Teoria do Apego de Bowlby e os cinco estágios do luto de Elisabeth Kubler-Ross. Essas teorias somadas a outros achados direcionam para a importância do apoio de diversos atores no enfrentamento do luto infantil, como a família e a escola. Nesse sentido, a pesquisa evidencia a importância dada à comunicação aberta e honesta sobre a morte, de forma adequada à idade da criança, para que haja a vivência de um luto saudável por parte delas.

Desse modo, destaca-se algumas abordagens psicológicas que se debruçam nos estudos sobre luto infantil. A Psicanálise, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Terapia de Aceitação e Compromisso oferecem recursos tanto para a criança trabalhar o processo do luto quanto para pais e responsáveis dessas crianças enlutadas, visando uma vivência saudável no processo alinear do luto. Evidencia-se a importância das estratégias e recursos lúdicos para a elaboração do luto infantil, que

possibilitam que a criança verbalize sobre o luto vivido, externalizando sentimentos e, em consequência disso, passe a ter uma maior compreensão da perda, distanciando-se de explicações fantasiosas.

A elaboração saudável do luto infantil envolve, também, a participação em rituais fúnebres, entretanto, como foi elucidado, a pandemia de Covid-19 dificultou esse processo pela necessidade de distanciamento social.

A partir do exposto, percebe-se a relevância da disseminação do tema aos profissionais da Psicologia, principalmente aqueles que trabalham com crianças, e para isso, esses profissionais precisam estar munidos de conhecimentos teóricos e técnico-científicos necessários à sua prática. Contudo, devido sua importância e complexidade, a temática não deve se restringir apenas a esses profissionais, mas a todos aqueles que frequente ou esporadicamente atuam com o público infantil, como médicos, enfermeiros, pedagogos, professores entre outros. Além disso, não se exclui nesse processo a sociedade, pois uma vez que o luto atravessa famílias, rompe laços e exige daqueles que ficam esforço, cuidado e dedicação no acolhimento aos enlutados é justo que tais informações sejam disseminadas para além dos muros acadêmicos e científicos.

Assim, o presente artigo buscou ampliar o debate científico acerca do luto infantil e seus desdobramentos no desenvolvimento de crianças que vivenciaram esse processo. No entanto, durante a construção do estudo, foi possível perceber a escassez de pesquisas que abordam a temática do luto e, principalmente, o luto infantil e seus impactos cognitivos e psicossociais no desenvolvimento de crianças, o que sugere a ausência de olhares voltados à compreensão dos aspectos que envolvem essa vivência de perda para o público infantil.

Trabalhos futuros poderiam aprofundar as demandas da inserção profissional dos psicólogos escolares no acolhimento de crianças enlutadas, a criação de materiais didáticos que abordem o tema da morte de forma acessível às crianças e a análise de como diferentes contextos socioculturais influenciam a vivência do luto infantil. Dessa forma, esta pesquisa pretende ser um ponto de partida para um campo que ainda carece de atenção e aprofundamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusto Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/12005/18070>. Acesso em: 01 jul. 2025.

FILHO, Sidmar de Jesus Souza; SOUZA, Fernando Rosa de; OLIVEIRA, Daniela Ponciano. Os fatores emocionais e o luto na infância em decorrência de morte violenta. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)**, [S.l.], v. 28, n. 5, p. 17-22, maio, 2023. Disponível em:

<http://unirg.edu.br/arquivos/documentos/Psicologia/2023/OS%20FATORES%20EMOCIONAIS%20E%20O%20LUTO%20NA%20INF%20NCIA%20EM%20DECORR%20NCIA%20DE%20MORTE%20VIOLENTA.pdf>. Acesso em: 04 julho. 2025

KLINGER, Ellen Fernanda; MIRANDA, Fábio Jesus; OLIVEIRA, Daniela Ponciano. O luto na infância: uma revisão sistemática. **International Journal of Development Research**, [S.l.], v. 11, n. 03, p. 44957-44962, mar. 2021. Disponível em: https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/21314_0.pdf. Acesso em: 04 jul. 2025.

MELLO, Glenda Ramos Ebert de; LIMA, Louizia Pinto; MOTA, Daniela Cristina Belchior. Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira. **Revista Saber Digital**, Valença, v. 14, n. 1, p. 70-88, 2021. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/SaberDigital/article/view/940>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MENEZES, Karolline de Jesus Saraiva; BORSA, Juliane Callegaro. A morte de pais por homicídio e o luto infantil: Revisão sistemática. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 22, n. 2, 381-405, 2020. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/12342/10657>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MENEZES, Karolline de Jesus Saraiva; BORSA, Juliane Callegaro. Avaliação psicológica no contexto do luto infantil: contribuições da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Diversitas: Perspectivas en Psicología**, Bogotá, v.18, n. 1. p. 1-22, jan./jun. 2022. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/dpp/v18n1/1794-9998-dpp-18-01-237.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.

NOGUERA, Renato. **O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2022.

OLIVEIRA, Daniela Ponciano *et al.* A criança e a morte: um estudo acerca do lúdico no processo de luto infantil. **International Journal of Development Research**, [S.l.], v. 10, n. 10, p. 41120-41124, out. 2020. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/19773.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.

PEREIRA, Lohanny Alessandra Gonçalves. Atendimento ao luto na infância: percepções e estratégias utilizadas pelo psicólogo. **International Journal of Development Research**, [S.l.], v.11, n. 11, p. 52204-52212, nov. 2021. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/23416.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.

RAPOSO, Hethelen Awdry Alves *et al.* O luto de crianças que perderam os pais durante a pandemia da COVID-19. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Espanha, v. 15, n. 9, p. 8340-8360, 2023. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1547>. Acesso em: 4 jul. 2025.

RODRIGUES, Beatriz Detoni; FERRAZ, Thais Cristina Pereira. Terapia de aceitação e compromisso: um compromisso para a clínica do luto infantil. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p.866-888, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3442/2436>. Acesso em: 04 jul. 2025.

SANTANA, Katiúscia Carvalho. O vivenciar do luto na infância. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 13, ed. esp., 2022. Disponível em: <https://revista.faema.edu.br/index.php/Revista-FAEMA/article/view/1028>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SANTOS, Jacqueline da Silva; PINTO, Ana Caroline Soares. Terapia cognitivo-comportamental e suas contribuições para a abordagem do luto infantil. **Ensaio USF**, Bragança Paulista, v. 5, n. 2, 2022. Disponível em: <https://ensaios.usf.edu.br/ensaios/article/view/221>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SANTOS, Jhennifer Lima Figueira dos.; MUNER, Luana Comito. Luto: os aspectos psicológicos da criança na segunda infância em seu processo. **Revista Cathedral**, Boa Vista, v. 2, n. 4, p. 108-118, 2 dez. 2020. Disponível em: <http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/246/78>. Acesso em: 01 jul. 2025.


SILVA, Vanessa Gomes da; RIBEIRO, Anna Costa Pinto. A criança e a perda real: o papel das fantasias na elaboração da segunda infância. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 3, p. 19-37, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2622>. Acesso em: 04 jul. 2025.


SOUSA, Liviane Costa Viana de; BARBOSA, Valéria Raquel Alcantara. Impactos psicossociais do feminicídio na vida dos filhos. **Revista Foco**, Curitiba, v. 17, n. 4, p. 1-21, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4699>. Acesso em: 4 jul. 2025.


WENDT, Ediene; TROIS, João Fernando de Moraes. Luto Infantil: trilhando o caminho de mãos dadas. **Diaphora**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 43-57, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/398/306>. Acesso em: 04 jul. 2025


WORDEN, J.W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto** - um manual para profissionais da saúde mental. Roca, São Paulo, 2013.


Credenciais dos autores


Lucas Farias dos Santos. Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3931-4385> E-mail: lfariasdoss@aluno.uespi.br

Aleandra Maria Lima de Carvalho. Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4760-7083> Email: aleandramldec@aluno.uespi.br

Flávia Rejane Soares Lopes. Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9529-1219> E-mail: frsoareslopes@aluno.uespi.br

Laura Trindade Ferreira. Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4318-9731> E-mail: lauratferreira@aluno.uespi.br

Thayná Pires de Oliveira. Discente do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0980-3423> E-mail: tpdeoliveira@aluno.uespi.br

Lêda Maria de Carvalho Ribeiro Holanda. Professora adjunta do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), graduada em Psicologia (UFPE), Mestre em Psicologia Cognitiva (UFPE), Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar (UNB).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3931-4385> E-mail: ledamaria@ccs.uespi.br

Endereço para correspondência: Lucas Farias dos Santos. Rua Onze, n. 1835, Bairro Monte Alegre, 64011-246, Teresina/Piauí. E-mail: lucasfariazd@gmail.com

Recebido: 25/09/2025

Aceito: 05/10/2025